

NBA, NLB E AS LIGAS EUROPÉIAS: UMA LEITURA ATRAVÉS DE CONCEITOS SOCIOLÓGICOS

Fernando Renato Cavichioli
Rolando Ferreira Jr.
Vitor do Nascimento Augusto

Resumo

No início do século XXI no Brasil coexistiram duas instituições que procuraram dominar o basquetebol. O texto tem como ponto de partida a criação de uma liga profissional de basquetebol no Brasil (NLB), por intermédio do modelo adotado nos Estados Unidos (NBA) e as relações de poder no universo organizacional do basquetebol brasileiro. Nesse contexto foram realizadas diversas entrevistas com os atores dessa configuração. As entrevistas foram analisadas através de conceitos sociológicos bourdianos e figuracionistas.

Palavras chave: *basquetebol, poder, instituições.*

Recentemente no Brasil tivemos duas estruturas nacionais a saber: Confederação Brasileira de Basquetebol (CBB) e Nossa Liga de Basquetebol, que disputam o poder. Portanto, este texto apresenta o seguinte problema: quais os fatores que levaram a tentativa de criação de uma liga profissional de basquetebol brasileira, inspirada na NBA? Buscamos identificar qual a influência da internacionalização da NBA na tentativa de criação de uma liga de basquetebol brasileira profissional através da fundação da NLB e da disputa de poder entre as duas instituições brasileiras.

Dentro dos limites deste artigo analisamos o material empírico coletado através dos conceitos sociológicos de Pierre Bourdieu e Norbert Elias. O mesmo assunto poderá aparecer sendo analisado por mais de um conceito de ambos os autores. Não é nosso objetivo fazer uma aproximação dos diferentes conceitos nem dos autores, mas sim utilizá-los para que tenhamos uma leitura ampla e aprofundada sobre o tema.

A princípio, para desenvolver a pesquisa, elaboramos uma entrevista presencial semi-estruturada, de cunho qualitativo¹ com 12 participantes. Como surgiram novos elementos de investigação após a transcrição das entrevistas, foi necessário aumentar o número de participantes e utilizar outro tipo de ferramenta, ou seja, a busca de informação via e-mail, pois alguns entrevistados não se encontravam no Brasil. Selecionamos os participantes pelos seguintes critérios somatórios: o primeiro critério era incluir quatro atletas brasileiros que tiveram ou têm contrato com alguma equipe da NBA, uma vez que tais atletas potencialmente têm mais condições de refletir sobre as influências do NBA no basquetebol brasileiro. O número de atletas brasileiros que integraram ou integram equipes da NBA é de sete, sendo um deles um dos autores do trabalho. Dos seis atletas restantes, chegamos ao número de quatro, por representar 66% dos indivíduos que tiveram essa experiência e também porque, na possibilidade de algum deles rejeitar, teríamos mais duas chances. O segundo critério refere-se aos técnicos de equipes que conhecessem a estrutura da NBA, e que em algum momento da carreira tivessem tido a experiência de vivenciá-la, uma vez que esses técnicos potencialmente teriam mais condições de refletir sobre as influências do NBA no basquetebol brasileiro. Definimos em quatro o número de técnicos entrevistados. Por último, quatro dirigentes que dirigem ou dirigiram as entidades que regem o

¹ Cf. DEMO, P. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2002

basquetebol brasileiro, *CBB* e *NLB*, e que conheçam a estrutura da *NBA*, para que pudessem fazer uma comparação com a nossa estrutura. É importante destacar que a *CBB* teve somente quatro dirigentes nas últimas três décadas. A escolha de quatro indivíduos de cada categoria se deu para padronizar a pesquisa de acordo com o número de atletas que foram entrevistados.

Como muitos dos participantes durante as entrevistas mencionaram o basquetebol europeu como um modelo que influencia o basquetebol brasileiro, incluímos mais quatro pessoas que contribuíram com a pesquisa: um atleta que atua em um clube europeu, um diretor de clube brasileiro, o novo presidente da *NLB* e para ampliar ainda mais as informações buscamos entrevistar o representante da *NBA* no Brasil.² Os dados coletados através das entrevistas foram triangulados com os dos outros participantes, com a análise documental e com os conceitos da teoria sociológica escolhida para a comparação das categorias do objeto de estudo. As entrevistas na sua íntegra podem ser acessadas no trabalho intitulado “*NBA, CBB e NLB: relações de Poder no Universo Organizacional do Basquetebol Brasileiro*”.³ Portanto, nos limites deste artigo passamos a apresentar as aproximações entre a teoria sociológica e os dados empíricos.

Conceitos sociológicos e as relações de poder no Basquetebol

Para explicar o aparecimento das ligas de basquetebol ao redor do mundo, especialmente as citadas neste trabalho, a saber: *NBA* (*National Basketball Association*), *LEGA BASKET* (*Primeira Divisão do campeonato Italiano*), *LEGA DUE* (*Segunda Divisão do Campeonato Italiano*), *ACB* (*Associação dos Clubes de Basquetebol da Espanha*), *CBB* (*Confederação Brasileira de Basquetebol*) e *NLB* (*Nossa Liga de Basquete*), é necessário entender que elas surgiram e foram influenciadas a partir da criação e da popularização do basquetebol ocorrida primeiramente no leste dos Estados Unidos da América no final do século XIX e início do século XX. Com o basquetebol desenvolvendo-se naquela região, o surgimento de ligas amadoras e profissionais foi apenas uma questão de tempo. Dentro desse panorama, utilizaremos os conceitos de Pierre Bourdieu (*habitus, campo e capital*) e Norbert Elias (*configuração, modelos de jogo e poder*) para buscar um entendimento melhor do fenômeno.

A noção de *habitus* de Pierre Bourdieu é a primeira a ser trabalhada, sendo que, a partir dela, poderemos caracterizar a evolução do basquetebol através de suas ligas, pois ela gera e organiza as práticas sociais e neste caso as práticas esportivas. A estrutura formada pelas primeiras ligas foi responsável pela criação de esquemas geradores de normas e regras, que por sua vez geraram estratégias que vieram de encontro às necessidades de um grupo específico de pessoas que tinham um objetivo comum, criando assim uma sucessão de condutas afins. A estrutura estruturada formada pelas ligas iniciais funcionou como estrutura estruturante para as ligas que surgiram com o decorrer do tempo, formando assim uma cadeia de inter-relações sociais. Tais estruturas foram⁴ interiorizadas pelas novas ligas que vieram a seguir e que reproduzem a lógica objetiva inicial, mas são reestruturadas, sofrendo transformações e adaptações duráveis de acordo com a necessidade destas novas estruturas que, por sua vez, podem

² Todo o material coletado através das entrevistas presenciais e via e-mail foram transcritos *verbatim*, procurando garantir a confiabilidade dos dados, preservando assim as idéias tais como elas foram expressas pelos participantes. Todo o material coletado foi utilizado com a permissão do participante através do Termo de Participação no Estudo.

³ Cf. FERREIRA Jr., Rolando. *NBA, CBB e NLB: relações de Poder no Universo Organizacional do Basquetebol Brasileiro*. Curitiba, Dissertação de Mestrado, 2008.

funcionar como estruturas estruturantes para outras que estão por vir, sempre levando em conta que estas disposições podem ser modificadas de acordo com as necessidades particulares de cada um.

A *NBA* surgiu a partir de outras duas ligas, levando consigo na sua elaboração características de tais ligas. Então se pode dizer que ela é nada mais que uma estrutura estruturada formada a partir de duas estruturas estruturantes e que no decorrer de sua existência também se transformou em estrutura estruturante. Seu modelo de disputa é utilizado por várias ligas ao redor do mundo, especialmente as citadas neste trabalho. O sistema de disputa final, conhecido como *play-off*, é usado em todas elas sem exceção. A *LEGA BASKET*, *LEGA DUE*, *ACB*, *CBB* e *NLB* usam deste sistema para conhecer o campeão de sua temporada. A *NLB*, é a única que, além de usar o sistema de *play-off* na fase final, aproxima-se ainda mais ao dividir os clubes em conferências como é feito na *NBA*. Além disso, a *NLB* teve outras influências americanas na sua elaboração, tais como: três árbitros por partida, o show durante os intervalos, os prêmios aos espectadores presentes no ginásio e a grande influência das equipes na estruturação e no gerenciamento do campeonato, o qual é feito pelas próprias equipes, característica essa que também é comum às ligas européias citadas acima. A única que detém todo o poder na regulamentação e gerenciamento da sua liga é a *CBB*.

Todas as estruturas e agentes que detêm o mesmo *habitus* compõem o *campo*. O *campo* por sua vez constitui o *habitus*. O *campo* em questão neste trabalho é o *campo* esportivo que é, na verdade, um espaço no qual são travadas lutas que tem o esporte como foco principal da disputa. Entretanto o esporte contemporâneo, que forma o *campo* esportivo atual, advém de transformações ocorridas desde o surgimento de determinada prática esportiva: “... considerando a história das práticas esportivas como uma história estrutural que revela as transformações sistemáticas ocorridas desde o surgimento de determinada prática até o seu estado atual.”⁵

Para Bourdieu, o esporte moderno é diferente das práticas pré-capitalistas, que na maioria foram os modelos para a criação dos esportes atuais, com exceção do basquetebol e do voleibol que foram “inventados”. Tal comparação

[...] só tem fundamento quando, indo exatamente na direção inversa da busca das “origens”, tem como objetivo, como em Norbert Elias, apreender a especificidade da prática propriamente esportiva ou, mais precisamente, de determinar como alguns exercícios físicos pré-existentes passaram a receber um significado e uma função radicalmente novos – tão radicalmente novos como os casos de simples invenções, como o vôlei ou o basquete – tornando-se esportes definidos em seus objetos de disputas, suas regras do jogo e, ao mesmo tempo, na qualidade social dos participantes, praticantes ou espectadores, pela lógica específica do “*campo* esportivo”.⁶

Dentro do *campo* esportivo encontra-se o *sub-campo* basquetebol que agrupa todas as estruturas inseridas neste trabalho, sendo que o *sub-campo* se comporta com as mesmas características do *campo* em que está incluso. O *campo* caracteriza-se por ser um espaço onde ocorrem disputas, lutas e competições especialmente entre o novo, que procura ganhar espaço, e o dominante, que detém o monopólio procurando eliminar a concorrência e garantir assim a sua supremacia. A disputa que ocorre dentro do *campo* é uma constante. A primeira evidência desta disputa pela hegemonia dentro do *sub-campo* do basquetebol, ocorreu entre a *NBA* e a *ABA* (American Basketball Association) na década de setenta, que acabou com a falência da *ABA*, que era o “novo” e que

⁵ MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, R. e LUCENA, M. **Esporte – História e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002, p. 96-97

⁶ BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 138.

procurava ganhar espaço. A *NBA* saiu daquela disputa ainda mais forte, pois com a falência de sua opositora conseguiu agrupar as melhores equipes e os melhores jogadores da estrutura concorrente.

No Brasil, recentemente, a disputa pela supremacia dentro do *sub-campo* do basquetebol brasileiro levou mais duas estruturas a se engajar numa batalha pelo poder. A *CBB*, estrutura dominante, viu-se ameaçada pelo surgimento de outra estrutura que pregava a profissionalização do basquetebol, a *NLB*. Durante muitas décadas a *CBB* foi soberana no basquetebol brasileiro organizando-o e gerenciando-o. Apesar de ter obtido resultados de expressão dentro de sua trajetória, muitos atores estavam descontentes com o seu desempenho, o que levou à criação da *NLB*. Esta nova estrutura, criada em 2005, a partir de um projeto do ex-jogador Oscar Schmidt, pregava a profissionalização do basquetebol especialmente no desenvolvimento de uma liga profissional brasileira baseada em ligas internacionais. O *sub-campo* do basquetebol brasileiro então se tornou um cenário de disputa, de uma relação de forças entre dois concorrentes engajados na luta que o dividiu. O dominante (*CBB*) usou de todos os recursos possíveis para inibir o crescimento desta nova estrutura. Por sua vez a *NLB* baseou-se na “Lei Pelé” para ser confirmada como uma estrutura legal e que teria por direito seu espaço legalizado dentro do cenário nacional. O resultado desta disputa a princípio foi um enfraquecimento do basquetebol brasileiro, pois ao invés de termos uma liga forte com a participação de todas as equipes, tivemos duas ligas distintas. A temporada teve como marco as disputas judiciais entre as duas estruturas envolvidas, culminando com apenas um campeão nacional, apesar da existência de duas ligas, pois o campeonato gerenciado pela *CBB* não terminou. Apesar do aparente sucesso da *NLB* o seu segundo campeonato masculino não saiu do papel, enquanto a *CBB* organizou o seu com várias equipes dissidentes da *NLB*. Hoje a *NLB* está em estado de hibernação esperando o momento oportuno de voltar às atividades e quem sabe profissionalizar o basquetebol brasileiro. Atualmente a estrutura dominante a várias décadas novamente se impôs e conseguiu continuar soberana dentro do *sub-campo* apesar do descontentamento de vários agentes envolvidos no processo.

Toda a desorganização envolvendo o *sub-campo* do basquetebol brasileiro levou muitos atletas a abandonar o Brasil para participar de outras ligas mais organizadas e que dão melhores condições de trabalho e de remuneração. Justificam sua saída argumentando que falta de organização e planejamento nos campeonatos nacionais e nas seleções; que faltam melhores condições de trabalho e que a remuneração deveria ser melhor. Há atletas brasileiros participando da *NBA* e das ligas espanhola e italiana.

As situações descritas acima, *NBA* x *ABA* e *CBB* x *NLB*, ocorreram porque as estruturas envolvidas no processo têm um *capital* específico que permite que entrem na disputa pela hegemonia do *campo*. Todas as estruturas citadas neste trabalho têm um *capital* específico e através dele conseguem ou não se impor dentro do *campo*. Para ser a estrutura dominante dentro do *campo*, a estrutura deverá ter um *capital* específico, que nada mais é que o *capital simbólico*, maior do que o das outras estruturas inseridas no *campo*, impondo um *poder simbólico*. Em todo *campo* a distribuição de capital é desigual, e isso faz com que ele permaneça em conflito, sendo que as estruturas dominantes procuram defender sua hegemonia face ao inconformismo das outras estruturas pertencentes a este *campo*. O *capital simbólico* é constituído pelos capitais econômico, cultural e social.

Novamente me reportarei ao caso da *NBA* e da *ABA*. A *NBA* possuía na década de 70 um *capital simbólico* maior do que a sua adversária. *Capital* esse conseguido em mais de vinte anos como estrutura consolidada dentro do *campo* esportivo norte-americano. Na realidade obteve este *capital simbólico* de várias formas. No aspecto

econômico, tinha o respaldo financeiro da televisão e da venda de ingressos e produtos licenciados. No aspecto cultural, tinha o conhecimento adquirido durante os primeiros vinte anos de funcionamento, ao longo dos quais passou por diversas transformações para atingir o patamar em que se encontrava e também contava com a cobertura da imprensa, que a fazia atrair fãs e influenciava outras estruturas fora dos Estados Unidos.

Do outro lado estava a *ABA*, que procurava seu espaço. Possuía um *capital simbólico* menor do que seu concorrente. Com apenas poucos anos de experiência, não dispunha da mesma cobertura que a imprensa dava à *NBA*, não conseguia atrair o mesmo público, o que resultava no agravamento de seus problemas financeiros.

Devido a essa combinação de fatores, a *NBA* conseguiu fazer com que sua oponente fracassasse e ainda deu um salto de qualidade, pois adicionou à sua estrutura os melhores jogadores e as melhores equipes da *ABA*, agregando também detalhes técnicos que ajudaram na propagação do show.

No Brasil a *CBB* possui um grande capital simbólico construído desde a sua criação na década de 30, até os dias de hoje. No aspecto econômico, tem respaldo financeiro do *COB*, que repassa verbas às Confederações esportivas nacionais, além do conseguido através da Lei Piva e de contratos de patrocínio. No aspecto cultural, tem o conhecimento adquirido durante os anos de gerenciamento e organização do basquete brasileiro além de ser a estrutura brasileira reconhecida pela *FIBA*. (Federação Internacional de Basquetebol)

A *NLB*, por sua vez, aclamada por vários atletas e dirigentes do basquete brasileiro como uma alternativa capaz de tirar o esporte da crise que vem atravessando nos últimos anos, teve grandes dificuldades em obter respaldo financeiro para o seu campeonato. Conseguiu um contrato de transmissão dos jogos pela televisão a cabo ESPN e apoio das bolas de basquete Wilson. Teve seu direito de funcionamento reconhecido pela Lei Pelé, mas não foi reconhecida pela *FIBA*, pois a mesma reconhece apenas uma estrutura oficial por país. Teve cobertura de imprensa na sua primeira temporada, mas, ainda assim, sucumbiu ao *poder simbólico* da *CBB*, que não poupou esforços para garantir sua hegemonia no basquete brasileiro. A partir do próximo parágrafo vamos utilizar de outros conceitos sociológicos, forjados pela teoria figuracionista na análise do *sub-campo* basquete.

O basquete criou uma *configuração* onde estão incluídos vários elementos desta pesquisa tais como: as ligas, as equipes, os clubes, os jogadores, os técnicos, os dirigentes, os árbitros, a mídia e os patrocinadores, entre os quais ocorre um desequilíbrio de potências, de *poder*. A cadeia de interdependência existente entre as instituições e agentes dentro deste contexto ocorre de várias maneiras, formando assim uma rede de interdependência. Cada instituição que forma esta configuração é formada por indivíduos, e tais instituições e indivíduos se inter-relacionam e dependem uns dos outros, sendo que todos fazem parte dela, como se pode comprovar na citação de Cavichioli:

Os configuracionistas negam a divisão entre sociedade e indivíduo, isto porque compreendem que as pessoas estão ligadas umas às outras das mais diversas maneiras, o que constitui teias de interdependências (configurações) dos mais variados tipos, as quais mantêm um equilíbrio de poder mais ou menos estável. Por isso, podemos entender que a sociedade é formada por nós e pelos outros, sendo que entre todas essas pessoas inserimos nós próprios.⁷

Dessa forma entendemos que as configurações estão sempre em fluxo. Como a configuração não é um fenômeno estático, estando sempre em movimento, as

⁷ CAVICHIOLLI, F.R. *Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual*. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004, p.167

instituições podem mudar de posição, ocupando ora uma situação de supremacia, ora uma situação de inferioridade. Isso acontece pelo desequilíbrio de poder dentro das configurações. O *poder* é o elemento essencial dentro das *configurações* e das relações sociais e determina a instituição dominante dentro da *configuração*, sendo que todos os elementos inseridos o possuem só que alguns possuem mais do que outros.

A sociologia refere-se então a pessoas, pessoas vivendo em interdependência nas mais variadas formas. Juntamente estas figurações sociais, nas quais se estabelecem múltiplas interdependências, modelam e envolvem o viver em sociedade. Estabelecem-se configurações sociais móveis, tanto interna quanto externamente a um determinado grupo, estão sempre em fluxo, em processo vivencial; as transformações decorrentes, algumas rápidas e efêmeras, outras de longo curso, mais duradouras definem e redefinem a balança do poder entre pessoas e grupos. Estas configurações sociais são, desta maneira, conseqüências inesperadas das inúmeras possibilidades de interações sociais vividas, estando o poder, situado sempre como elemento fundamental de qualquer configuração.⁸

As relações de interdependência das ligas de basquetebol formadas primeiramente no leste dos Estados Unidos cresceram e se ampliaram, tornando-se responsáveis pelo desenvolvimento do esporte e culminando com a criação da *NBA* em 1951. Não que tal processo de evolução fosse intencional. Apenas aconteceu, não foi planejado. Este processo é denominado *processo cego*. Com o aparecimento da *NBA* e com o sucesso de seu modelo de disputa, outras ligas surgiram, utilizando um modelo de disputa e de organização semelhante.

Esta *configuração* do basquetebol está inserida dentro de uma configuração mais ampla que vamos chamar de *configuração esportiva*. Todos os outros esportes também possuem uma rede de interdependência de acordo com suas características, sendo que se relacionam e formam uma cadeia maior de interdependência. Cada esporte busca seu espaço dentro desta *configuração esportiva*. No Brasil, além de ter instituições e agentes que se relacionam, tais como a *CBB* e a *NLB*, o basquetebol ainda se relaciona num espaço maior com outros esportes.

Novamente nos reportamos aos casos já citados sobre a *NBA* que detinha um poder maior que sua concorrente a *ABA*, por isso conseguiu fazer-se soberana dentro do basquetebol americano, provocando o encerramento das atividades de sua concorrente. No Brasil, a disputa pelo poder entre a *CBB* e a *NLB* mostra que o processo não é estático. Num primeiro momento, a *NLB* conquistou *poder* suficiente para realizar seu campeonato e levar seu projeto adiante. Este *poder* foi obtido pela catalisação do descontentamento de várias equipes e atores com a *CBB* e através da sua legalização. Porém, a *CBB* também realizou o seu campeonato, mas não conseguiu finalizá-lo, pois ocorreram disputas judiciais envolvendo equipes que participavam da *NLB* e do Campeonato Nacional de Basquete Masculino (*CNBM*). Passado o momento inicial, a *CBB* conseguiu conservar poder suficiente para reagrupar várias equipes dissidentes, retornando à condição de supremacia dentro da configuração. A *NLB* teve uma queda de *poder* e não conseguiu organizar o seu segundo campeonato.

Esta disputa existente entre as instituições em busca do poder através das inter-relações humanas demonstra que a sociedade é estruturada num modelo competitivo. Sendo assim os *modelos de jogo* de Norbert Elias podem demonstrar as relações existentes dentro da *configuração*. “Os modelos de jogo ajudam a mostrar como os problemas sociológicos se tornam mais claros e como é mais fácil lidar com eles se os reorganizarmos em termos de equilíbrio, mais do que em termos reificantes.”⁹

⁸ GEBARA, A. Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a história da educação. In: **Comunicações**. Ano5, número 2, novembro/1998. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba, p. 141-142.

⁹ ELIAS, N., **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 81

A partir dos *modelos de jogo*, pode-se fazer uma análise de várias situações que foram apresentadas durante as entrevistas. O primeiro *modelo de jogo* a ser discutido é o *jogo entre duas pessoas*¹⁰ com regras.

[...] mostrando como a teia de relações humanas muda quando muda a distribuição de poder. Uma das maneiras de conseguir uma simplificação, tem sido a substituição de uma série de hipóteses sobre a força relativa dos jogadores, pelas diferenças de potencial de poder das pessoas ou grupos nas suas relações uns com os outros. Os modelos têm sido dispostos de modo a destacar mais nitidamente a transformação sofrida pela onda de inter-relações humanas quando diminuem as diferenças de poder.¹¹

Existem duas situações neste modelo. A primeira é quando um jogador¹² é muito superior ao outro.

Imaginemos um jogo entre duas pessoas, sendo uma delas muito superior à outra – A é um jogador muito forte e B é muito fraco. Neste caso, A tem uma grande capacidade de controle sobre B. Até certo ponto, A pode forçar B a fazer determinadas jogadas. Por outras palavras, A tem poder sobre B.¹³

Esta situação pode ser relacionada com algumas descritas anteriormente. Primeiramente a disputa que ocorreu entre a *NBA* e a *ABA*. A *NBA* tinha um *poder* muito superior ao da *ABA*, por isso teve um grande controle sobre a sua oponente, culminando com o encerramento das suas atividades. A *NBA* também usa de seu poder para atrair jovens jogadores de outros países para participarem da sua liga. O *poder* nesta situação vem da sua organização mais eficiente, das melhores condições de trabalho e, especialmente, da remuneração financeira mais compensadora, como foi relatado nas entrevistas.

No Brasil, o basquetebol não consegue atrair novos atletas porque, no momento, outros esportes detêm uma força de atração maior e têm mais facilidade de conseguir atletas, como destacou Marcel de Sousa em seu relato sobre a preferência dos jovens brasileiros.

[...] não pegamos nenhuma classificação de destaque mundial. E as Olimpíadas, nós não fomos a duas, então você não pode pretender que um moleque de dez a doze anos queira jogar basquete com tanta propaganda que nós temos no futebol, no vôlei, o cara que tem 1,90 hoje, com treze anos de idade, ele vai primeiro jogar vôlei, se não acontecer nada com ele no vôlei ele vai jogar basquete. Hoje peneira de basquete, o grandão também é gordão (o lento), o resto é só baixinho, isso é o que acontecia antigamente na peneira do vôlei, você faz uma peneira e só vem grandão gordão e baixinho, tem baixinho ótimo, mas você não pode montar um time com doze baixinhos, baixinho tem que ser excepcional, tem que ser super rápido, porque todo mundo quer jogar vôlei, todo mundo quer jogar futebol. Por que? Porque ganha, aparece na televisão, e também não é verdade que o jogador de basquete brasileiro é ruim, porque tem jogador na NBA, tem jogador na Europa, o que nós temos aqui também, só que nós não temos sucesso em competições internacionais.¹⁴

O basquetebol brasileiro, que obteve em sua história expressivos resultados internacionais (bi-campeão mundial masculino, campeão mundial feminino, só para citar alguns) e que era considerado o segundo esporte nacional na década de setenta e início da década de oitenta, ficando atrás apenas do futebol, perdeu espaço para outros esportes na preferência nacional.

¹⁰ O termo pessoa refere-se às instituições inseridas na configuração

¹¹ ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 88

¹² O termo jogador refere-se às instituições inseridas na configuração

¹³ ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 88

¹⁴ Entrevista concedida em 26/09/2006, por Marcel de Sousa.

Outra situação envolvendo uma disputa de *poder* ocorreu no segundo ano de existência da *NLB*. A *NLB* tinha a proposta de realizar o seu segundo campeonato, mas a *CBB* que esteve em desvantagem por um curto período, retomou o *poder* fazendo com que a *NLB* entrasse em “estado de hibernação”, como relatou Fernando Mauro em sua entrevista.

[...] a nossa liga não consegue fazer que a federação (paulista) venha pro nosso lado, por que ela não pode brigar com a confederação. Ela diz que briga, federação paulista diz que briga, mas não briga, então hoje a gente tenta montar hoje julho de 2007, montar um campeonato com 6, 7 clubes que estão parados, a federação resolve fazer um torneio de dois fins de semana desestimula teoricamente [...]¹⁵

Esta situação demonstra que a balança de poder não é estática podendo pender ora para um lado, ora para outro. A segunda situação ocorre quando um jogador consegue diminuir a diferença de força dentro da *configuração*.

Imaginemos que a diferença entre a força de A no jogo e a de B diminua. Não interessa que isto aconteça pelo fato de a força de B aumentar ou pelo fato da de A diminuir. As possibilidades de A controlar as jogadas de B – ou seja o seu poder sobre B – diminuem proporcionalmente; as possibilidades de B controlar A aumentam proporcionalmente.¹⁶

Esta situação é bem clara no primeiro ano da *NLB*, que conseguiu diminuir a diferença entre a força da *CBB* e a sua própria. Nascida do descontentamento de vários dirigentes do basquetebol brasileiro, a *NLB* teve sua proposta aceita por unanimidade por todos os clubes e conseguiu um curto sucesso, realizando seu projeto durante apenas um ano. Apesar de uma adesão unânime, várias equipes voltaram naquele mesmo ano a disputar o campeonato da *CBB* e abandonaram o projeto que aprovaram. Mesmo assim, a nova liga teve poder suficiente para realizar o seu campeonato e fazer frente à instituição dominante naquele período.

Outro conceito figuracionista que nos ajuda a entender as relações de poder no basquetebol são os *jogos de muitas pessoas a um só nível*.

Imaginemos um jogo em que o jogador A joga simultaneamente com vários adversários mais fracos, não separadamente, mas contra todos eles ao mesmo tempo. Assim, joga um jogo isoladamente contra um grupo de adversários, em que cada um por si é mais fraco do que A. Este modelo permita a formação de várias constelações no equilíbrio de poder. A mais simples é aquela em que os jogadores B, C, D e os seus colegas formam um grupo dirigido contra A, e não são perturbados em tensões entre si.¹⁷

Esta situação está muito clara em duas situações. A primeira ocorre nas ligas italianas. As ligas são organizadas pela federação, mas toda decisão tem que ser votada pelos clubes. A federação não tem autonomia para decidir sozinha o rumo do campeonato. Então os clubes que sozinhos não teriam forças para enfrentar a federação se uniram fazendo com que a balança do poder penda para o seu lado.

No Brasil, a união das equipes descontentes com o gerenciamento da *CBB*, levou os clubes a se unirem aumentando seu *poder* e dando autonomia suficiente para que formassem a *NLB*. Outro *modelo de jogo* que é cabível de análise é o modelo de *jogo de dois níveis: tipo oligárquico*.

A pressão exercida sobre jogadores individuais, devido ao aumento de seu número, pode provocar uma mudança dentro do grupo. Um grupo em que indivíduos jogam com os outros no

¹⁵ Entrevista concedida em 17/07/2007, por Fernando Soares Mauro.

¹⁶ ELIAS, N. **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980, p. 89.

¹⁷ *Ibid.*, p. 90.

mesmo nível pode converter-se num grupo de jogadores de dois níveis. Todos os jogadores se mantêm interdependentes, mas já não jogam diretamente uns com os outros. Esta função é desempenhada por funcionários especiais que coordenam o jogo – representantes, delegados, líderes, governos, cortes, régias, elites monopolistas e assim por diante.¹⁸

A disputa de poder dentro da configuração entre *CBB* e *NLB* envolveu, além das duas instituições, as equipas que fazem parte de cada uma delas. As equipas que participavam da *NLB* e tinham por direito participarem do campeonato organizado pela *CBB*, pois conseguiram a classificação através de suas colocações nos campeonatos estaduais, foram buscar na justiça as suas inclusões no Campeonato Nacional Masculino de Basquetebol, já que a *CBB* proibia que qualquer equipa integrante da *NLB* também participasse de seu campeonato. As equipas excluídas recorreram à justiça para garantir sua inclusão no campeonato.

Há casos, que as instituições recorreram a justiça e que reflete este *modelo de jogo*. Como exemplo, podemos citar o caso da equipa da Telemar contra a *CBB*. Esta equipa que havia vencido o campeonato no ano anterior e, em função disso, estava credenciada a representar o Brasil nos campeonatos internacionais, foi proibida disso pela *CBB*, pois era uma das equipas sócio-fundadoras da *NLB*. Esta ação permanece na justiça até os dias de hoje, mesmo após a equipa da Telemar ser desativada.

Em suma, notamos que a *CBB*, continua soberana gerenciando e organizando o basquetebol brasileiro. A *NLB* teve um rápido sucesso no seu primeiro ano, mas não conseguiu repeti-lo no seu segundo ano, sendo que hoje está em estado de espera. Continua funcionando, mas sem organizar o seu campeonato. O futuro dirá o quanto foi importante a criação da *NLB*, que por um breve período conseguiu modificar, afrontar e repensar o basquetebol no Brasil.

A *CBB* enquanto estrutura dominante dentro do basquetebol brasileiro ainda demonstra todo o *poder* obtido por ela durante a sua existência, desde a sua fundação em 1933 com o nome de Federação Brasileira de Basketball até os dias de hoje. Em sua história teve apenas seis presidentes e de 1983 até 2008 apenas três. Nestes vinte e cinco anos, várias foram as tentativas de mudar o comando da instituição que rege o basquetebol no Brasil, mas por intermédio de seu *poder* constituído, o presidente da *CBB* conseguiu manter-se no comando apesar da insatisfação de muitos. As mudanças de comando ocorridas na *CBB* aconteceram porque o opositor conseguiu inverter a balança de *poder* a seu favor elegendo-se. O opositor vencendo a eleição e tornando-se presidente usa do *poder* da *CBB* para manter-se no cargo e dominar o basquetebol brasileiro até a aparição de outro opositor que consiga inverter a balança do *poder*.

Referências

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

CAVICHIOILLI, F.R. **Abordagens do lazer no Brasil: um olhar processual**. Tese de doutorado apresentada a Universidade Metodista de Piracicaba. Piracicaba, 2004.

DEMO, P. **Introdução à sociologia**. São Paulo: Atlas, 2002.

ELIAS, N., **Introdução a Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

¹⁸ Ibid., p.93

FERREIRA Jr., Rolando. *NBA, CBB e NLB*: relações de Poder no Universo Organizacional do Basquetebol Brasileiro. Dissertação de Mestrado: Curitiba, 2007.

GEBARA, A. Anotações para a teoria do processo civilizador: proposições para a história da educação. In: **Comunicações**. Ano 5, número 2, novembro/1998. Piracicaba: Universidade Metodista de Piracicaba.

MARCHI JR, W. Bourdieu e a teoria do campo esportivo. In: PRONI, R. e LUCENA, M. **Esporte – História e Sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002.